

GT 6 - Ideologias, cultura e meios de comunicação

Educação e imprensa: o papel dos intelectuais

Daniela de Jesus Ferreira*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o texto, *Aydano do Couto Ferraz e a liberdade de criação intelectual*, escrito por Jacob Gorender, sobre o papel dos intelectuais na revista *Fundamentos* publicada na década 1940, sob orientação do Partido Comunista do Brasil.

As últimas décadas deste século proporcionaram um grande número de pesquisas voltadas para o debate cultural dentro do PCB. Estes estudos demonstraram que não é correto argumentar que o PCB não se interessava por esta área¹, já que a preocupação com a imprensa livre, as artes, a formação teórica e o debate sobre o papel dos intelectuais estiveram presentes nas diretrizes do partido.

Como não é a finalidade deste artigo apresentar a trajetória dos diversos materiais produzidos pelo Partido desde sua fundação, muitos trabalhos já fizeram isso², quero reiterar que o cerne deste texto será analisar o artigo produzido pelo

* Doutoranda em História - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Contato: dan-his@hotmail.com.

¹ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. MATTOS, Marcelo Badaró. *Livros vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Rio de Janeiro: Bom Texto; FAPERJ, 2010; ROXO, Marcos; SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Intelectuais Partidos: comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012, PALAMARTCHUK, Ana Paula *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928 - 1948)*. Alagoas, EDUFAL, 2014. RUBIM, Antônio Albino Canelas. “Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil”. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil – v.3- Teorias. Interpretações*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998, p. 305-376.

² CARONE, Edgard; DEAECTO, Marisa Midori; SECCO Lincoln (org.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo. Xamã. 2004. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética. A recepção das ideias de Marx no Brasil*. Rio de Janeiro. Campus, 1988. _____. *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991; MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. MORAES, João Quartim de. (org.). *História do marxismo no Brasil. Os influxos teóricos. Vol. II*. Campinas, SP, Unicamp, 1995; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro. E. Papers, 2012. Rio de Janeiro. Campus, 1988. _____. *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais*. Salvador: UFBA, 1987.

militante Jacob Gorender sobre o papel dos intelectuais nas transformações sociais, na revista *Fundamentos: Revista de cultura moderna* que surgiu em 1948 problematizando temas nacionais da esfera cultural a econômica, além de difundir as ideias do partido. O objetivo é trazer uma apreciação inicial de alguns aspectos abordados por Gorender na análise que ele fez sobre os intelectuais na segunda edição da revista citada.

Cabe ressaltar que o PCB não negligenciou a necessidade de formação política e teórica de seus militantes, muito menos da classe trabalhadora. Como analisou Denis Moraes “Na trilha de Lenin, os periódicos do PCB foram concebidos como meios de educação ideológica e de coesão interna, cabendo ao comitê Central (CC) esboçar os planos de divulgação” (MORAES, 1994, p.63). O partido deveria usar material pedagógico e revolucionário para “(...) educar as massas para elevar o nível de consciência política; organizar os setores mais combativos da classe operária em torno do partido; propagar a linha ideológica” (1994, p. 63). Deveria então o partido saber discernir a função de cada organismo de imprensa que seria propagado, como alertou Gramsci:

distingue-se, em suma, entre o chamado jornal de informação ou “sem partido” explícito e o jornal de opinião, o órgão oficial de um determinado partido; ou seja; entre o jornal para as massas populares ou jornal “popular” e aquele dedicado a um público necessariamente restrito. (GRAMSCI, 2010, p.199).

A produção de textos políticos, literários e educativos pelo Partido tinha o compromisso de desenvolver a consciência política da população para que esta compreendesse a realidade a sua volta. Para isso era necessária dedicação exaustiva a produção de materiais que possibilitasse o alcance não só dos militantes, mas da classe trabalhadora formando um maior número de leitores para que se juntasse a fileira da resistência contra a opressão capitalista e em defesa do socialismo. Deveria existir um processo contínuo de educação do leitor como sugeriu Gramsci.

O leitor comum não tem, e nem pode ter, um hábito “científico”, que só adquire com o trabalho especializado: por isso, deve ser ajudado a assimilar pelo mesmo “sentido” deste hábito, através de uma atividade crítica oportuna. Não basta fornecer-lhe conceitos elaborados e fixados em sua expressão “definitiva”; a concreticidade de tais conceitos, que reside no processo que levou àquela afirmação, escapa ao leitor comum: deve-se por

isso, oferecer-lhe toda série de raciocínios e de conexões intermediárias, de modo bastante detalhado e não apenas por indicações. (GRAMSCI, 2010, p. 202).

Diante da citação verifica-se que não bastava pontuar o debate para a nação, mas era necessário trabalhar os diversos aspectos conceituais, proporcionar o hábito de ler, estimular a curiosidade para compreensão crítica da realidade nacional. Por isso a proliferação de materiais que deveriam alcançar o maior número de leitores. Era necessário educar a partir da cultura e da imprensa. Os intelectuais cumpriram um papel salutar nesta arte do educar através da cultura:

A hora e a vez da revista *Fundamentos*.

Jacob Gorender (1923- 2013) nasceu em Salvador em 1923. Estudou na Faculdade de Direito da Bahia e lá entrou em contato com a militância estudantil; aos 19 anos filiou-se ao Partido Comunista do Brasil acentuando sua dedicação à imprensa com textos de agitação e propaganda. Foi escritor costumaz do partido e teve uma trajetória reconhecida por sua militância e produção acadêmica. Cultivou seu pensamento intelectual e visão de mundo ao longo de muita leitura e das experiências travadas no PCB³³. Ele definiu nas linhas abaixo seu interesse pelo marxismo:

sobre o terror do Estado Novo, os seus livros circulavam de mão e mão, entre os jovens que ansiavam pelo saber revolucionário, na velha Bahia de tantas saudades. O seu estudo “sobre o materialismo dialético e histórico” me deu pela primeira vez uma concepção filosófica integral, cortando as amarras que me prendiam as mistificações dos taumaturgos burgueses. Lendo os “Fundamentos do Leninismo” e a “História do P. C da URSS”, aprendi, naquele longínquo de 1943, o que era o Partido da classe operária. Lutei desde então para fazer dos seus princípios os princípios de toda minha conduta. (FUNDAMENTOS, ano 5, nº 33, 1953, p. 12).

O desenvolvimento do pensamento comunista se deu entremeados em leituras variadas e dos materiais produzidos pela Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas que chegavam ao país por intermédio de intelectuais, do partido e de forma clandestina. Gorender filiou-se a perspectiva

³³ Militou no PCB até 1967. Criou o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) em 1968 após sua expulsão do PCB.

materialista da história a partir de textos apresentados e que foram lapidados ao longo da sua trajetória. Nunca parou de ler e redigir. Escreveu em jornais e revistas do partido, entre elas a *Seiva*. É o artigo de Gorender que está na revista *Fundamentos* que faremos a análise.

Fundada em 1948 a revista *Fundamentos*⁴ apresentava aspectos do realismo socialista soviético e voltada para a disseminação das teses do partido. Não possuía no seu corpo editorial apenas militantes do PCB, Monteiro Lobato, por exemplo, era o redator chefe no período inicial, mas não pertencia aos quadros do partido. A revista teve duração razoavelmente longa circulando de 1948-1955.

No período de criação da revista o PCB achava-se na clandestinidade desde 1947, no governo de Eurico Gaspar Dutra. Teve seus deputados cassados, encontrava-se resistindo as perseguições do Estado depois da luta antifascista que agregou segmentos políticos, ideológicos diversos para derrotar o nazifascismo. Depois da II Guerra Mundial (1939-1945) o acirramento político entre os EUA e URSS aumentou a tensão entre comunistas e capitalistas após a unidade antifascista. Esta configuração política influenciou as características dos PCB pós-guerra e suas ações de defesa ainda mais sistemática dos resultados da URSS e de suas orientações. Contra a perseguição política e contra o anticomunismo o PCB continuava depositando energia na defesa da imprensa como suporte essencial para debater os problemas sociais, a luta pela democracia, o pensamento e o socialismo.

O artigo analisado encontra-se na revista *Fundamentos* de 1948 com o título, *Aydano do Couto Ferraz*⁵ e *a liberdade de criação intelectual* escrito por Jacob Gorender que dissertou sobre aspectos da cultura e do papel do intelectual na interpretação da realidade nacional. Observe que o título é bem sugestivo por trazer

⁴ Ver: MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*; Santos, Eduardo Oliveira dos, 1983- *Intelectuais comunistas e a Revista Fundamentos: afirmação e atenuações das diretrizes partidárias (1948-1955)* / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História, 2016.

⁵Aydano do Couto Ferraz era baiano, jornalista, fez parte da Academia dos Rebeldes e do PCB. Colaborou de forma assídua com diversos projetos da imprensa partidária e foi preso em 1947 por sua atuação política, acusado de injúria contra as autoridades.

a relação entre criação intelectual e liberdade. O intelectual que cria, que transforma. Liberdade sempre foi um conceito caro ao PCB.

O primeiro editorial da revista (junho de 1948) apresenta uma série de argumentos pautados nas seguintes questões: combate a imparcialidade e a individualidade, a defesa da cultura como ambiente propício e necessário para o desenvolvimento das liberdades de pensamento e de direitos essenciais, defesa da cultura nacional para proteger a soberania do país contra a cultura imperialista, antinacional e a expropriação do petróleo nacional. Um excerto do editorial:

FUNDAMENTOS se propõe proporcionar, com a cooperação de todos os intelectuais democratas, honestos e consequentes, o material necessário ao pensamento racional e objetivo, e assim contribuir para a análise dos problemas básicos do Brasil e para a compreensão do presente momento histórico no mundo.

A FUNDAMENTOS considera a vigência das liberdades públicas e dos direitos fundamentais do homem clima em que a cultura pode desenvolver-se e frutificar. Repudia por esse motivo, quaisquer atentados ou restrições a democracia e à liberdade do cidadão. Está certa de que, assim, poderá reunir em torno de si os que efetivamente amam a cultura. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto, 1948, p. 3-4)

Os aspectos acima elencados apontam o interesse da revista com o desenvolvimento e valorização da cultura e consequentemente com tudo que ela promovia, a liberdade criadora e política dos intelectuais na promoção da educação do povo. O intelectual seria um representante progressista a favor da cultura. Tinha como missão produzir uma literatura engajada, conciliada com as questões nacionais.

O que faz de um ser um intelectual? Gorender apresentou alguns argumentos que responderam a esta pergunta. O intelectual defendido por Gorender, ou do partido, seria o intelectual da práxis, o intelectual orgânico, parcial. Um sujeito progressista, disposto a atividade revolucionária. Um ser que sabe pensar e sentir, como teorizou Gramsci, se ajustava a perspectiva defendida no texto. Segundo o pensador italiano:

o modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuador permanente”, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica- trabalho, chega à técnica-ciência e a

concepção humanista histórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político). (GRAMSCI, 2010, pag. 53).

O papel do intelectual deveria ir além da arte do bem falar, do expectador, mas ser um ser da intervenção, da produção de saber, da luta contra a opressão do povo, contra a espoliação nacional por países como os Estados Unidos. Que compreendesse as disputas classistas no seio da sociedade brasileira e combatesse o Estado opressor em defesa da democracia e da paz. Deveria saber seus deveres e direitos de classe combatendo os aparelhos privados de hegemonia da classe dominante.

O que cada sujeito faz com as ideias que cria e defende está muito relacionada as condições materiais de cada sujeito no grupo social qual faz parte. O que cada sujeito ler, aprende e apreende está condicionado não de maneira mecânica às experiências que ele vive, mas também às análises e ações que são construídas a partir da leitura de determinada experiência. Ao iniciar o artigo sobre a prisão de Ferraz, Gorender adverte que a liberdade de criação.

só existe dentro de determinadas condições políticas e sociais. A liberdade de criação parece para certas pessoas, nem sempre bem intencionada, como um privilégio abstrato, que surge do nada e que paira muito acima de fatos tão terrenos como os regimes políticos. (...). Que tem a ver o cientista, dentro do seu laboratório, com as condições sociais de sua época? (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto, 1948, p. 196).

Para Gorender, não existe dissociação. A fuga ou prisão no laboratório só mostram o quanto o cientista não está preocupado com a realidade concreta e de como ele se adequa bem as estruturas do fascismo que objetificam os sujeitos limitando a sua capacidade de pensar e agir. O conhecimento socialmente produzido deveria ser realizado para ser socializado, não era aceitável a busca da neutralidade em qualquer ciência, cientista e artista. Como a batalha travada contra o nazifascismo ainda estava muito presente, não era difícil entender a preocupação de Gorender.

A isenção seria a prova cabal de que o cientista não está preocupado com as demandas sociais, o que destoava da defesa do realismo socialista que orientava o

partido. Não seria um intelectual, caso não lutasse pela e usasse a liberdade de pensamento para alteração da realidade concreta. Jacob Gorender acrescenta que tal postura também está relacionada as questões sociais e políticas *cuja base reside sempre nas condições econômicas*. (FUNDAMENTOS, 1948, p.195) A construção do comunismo só seria possível eliminando as relações sociais de produção e exploração que sustentam a sociedade capitalista. Apresenta a tese de que um intelectual tem que ser progressista, sabemos não ser a realidade concreta para temporalidade apresentada, ou qualquer outra.

Gorender salientou que *O poeta pode cantar a lua, mas vive na terra, dentro de certa sociedade politicamente organizada* (FUNDAMENTOS, 1948, p.195) Logo, a existência histórica requer combate real para eliminar as contradições sociais em seus níveis mais complexos de exploração e subserviência imperialista. Nesta perspectiva era necessário que assumisse uma face crítica contra a ordem social vigente ou estaria sendo complacente com a ordem estabelecida, o que poderia ser feito consciente ou inconscientemente. A omissão causaria efeitos negativos também para os que se isentam, que também seriam submetidos aos limites da liberdade de expressão. E continua deferindo duras críticas ao intelectual que almejava a isenção:

a verdade é, porém, que o problema da liberdade de criação não existe para os intelectuais dessa espécie, precisamente porque eles não são capazes de criar coisa alguma. Além da possibilidade de **criar**, falta-lhes mesmo, em geral, a mais elementar intenção nesse sentido. Limitam-se a cobrir de vestes recentes as inúteis velharias do passado e com isso ajudam, consciente ou inconscientemente, os grupos sociais interessados em imbecilizar os homens a fim de afastá-los das magnas tarefas renovadoras que o **momento atual** lhe apresenta. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto, 1948, p. 195).

Atente-se para a palavra criar em negrito no original, mas caberia outro destaque para a palavra intenção. O intelectual deveria estar alinhado à realidade concreta e nela buscar se envolver; a isenção era o fim da criatividade, a morte da intelectualidade. Apenas uma arte criadora seria capaz de explicar a realidade e promover a transformação social. A cultura só teria seu desenvolvimento pleno com o livre pensamento como apontou o editorial da edição. A criação não poderia estar dissociada do ato de tomar partido. E o PCB seria o catalisador destas expectativas.

Segundo Gorender, a ausência de criação promoveria a ilusão que seria benéfica para determinados grupos sociais que não estariam interessados em combater a realidade opressora e acossamento da liberdade de expressão. A promoção das ilusões só alimentava os malefícios para o povo que precisava estar consciente das questões nacionais.

Sem dúvida alguma, os sutis argumentos da reação conseguem ainda influenciar muito intelectual, convencendo-o de que em benefício da sua atividade cultural é necessário que ele evite compromissos com uma posição definida e ativa em face dos chamados fatos políticos imediatos. Que esses inadvertidos meditem, contudo, sobre experiências ainda recentes e verifiquem como tantos artistas e cientistas, que não souberam compreender os fatos políticos imediatos e lutar por condições concretas favoráveis à sua atividade cultural, acabaram muitas vezes impedidos de exercer atividade ou mesmo brutalmente sacrificados em campos de concentração”. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, p. 196.)

A ilusão criada por intelectuais omissos buscava silenciar a população sobre os reais problemas da nação como os ataques à liberdade de pensamento, à lei de segurança nacional, o entreguismo do governo, e o subserviência ao imperialismo pelas classes dominantes. Gramsci combateu a indiferença. Gorender possivelmente não leu nenhum escrito de Gramsci em 1948, mas provavelmente concordaria com o italiano.

a indiferença opera como força da história. Opera passivamente, mas opera. É a fatalidade; é aquilo com o que não se pode contar; é o que interrompe os programas, subverte os melhores planos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca. O que vem em seguida, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um ato heroico (de valor universal) pode desencadear, não se deve tanto à iniciativa operante de poucos, quanto a indiferença, o absentismo dos muitos. (GRAMSCI, 2020, p. 32).

O articulista aborda a situação dos cientistas norte-americanos que contribuíram na construção das armas atômicas que não aceitavam a responsabilização de seus atos, enfatizou que a ciência pura e desinteressada não resolveria os problemas sociais, nem mesmo dos intelectuais. *Nenhuma tagarelice sobre a ciência pura, pretensamente desinteressada, pode retirar aos cientistas a terrível responsabilidade, que assumiram face dos homens com a fabricação da bomba atômica.* (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, 197). Gorender cobrava a responsabilidade social do cientista:

E essa responsabilidade só deve ser compreendida em termos de política, de atitudes **políticas**, até mesmo para os cientistas “puros” que desejam se alhear ao mundo para se entregar exclusivamente ao trabalho científico, mas que não tem o direito de ignorar que as armas de destruição podem acabar destruindo a própria ciência. Além disso, nenhum sábio pode ignorar o quanto o regime capitalista tem desumanizando a ciência, sabotando, por interesse comercial, durante anos a fio, invenções que beneficiariam a humanidade ou dirigindo as pesquisas, deliberadamente, para fins não só de exploração, mas de **destruição** também de milhões de seres humanos. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, 197).

O desenvolvimento científico e tecnológico e seus efeitos sociais deveriam ser pautados pelos cientistas que criaram armas químicas que causaram danos irreversíveis para humanidade. A simples negativa não retiraria a culpa daqueles que de alguma forma não queriam se responsabilizar pelos danos produzidos pela ciência usada inadequadamente. Para Gorender, a tentativa de fugir da responsabilidade era algo inconcebível. Percebemos uma análise prudente de sentido ao apresentar a ausência de neutralidade na produção científica e a responsabilidade do ser social. Hobsbawm no livro *Sobre História* (1998) alertou para os males que a omissão ou uso inadequado da história poderiam causar a humanidade, na mesma direção, mas para objetos diferentes, Gorender suscitava inquietação parecida.

A atuação dos intelectuais somava-se as problemáticas da paz e da democracia que só poderiam ser encarados pelo prisma político partidário ou apenas político, como argumentou Gorender. Ao apontar as perseguições a intelectuais nos EUA, a Pablo Neruda no Chile, a Aydano do Couto Ferraz, do físico Mario Schemberg e Caio Prado Junior, no Brasil afirmava que não existia liberdades democráticas no EUA de Truman, no Chile de Videla, e no Brasil de Dutra.

a causa da democracia, que o intelectual deve defender acima de diferenças partidárias ou filosóficas, é uma causa muito concreta. Ela ficou ameaçada com o fechamento de um partido, com a cassação de mandatos, com a anulação de pleitos eleitorais, com os assaltos a jornais, com a prisão de dirigentes políticos, em pleno uso dos seus direitos, com a prisão de líderes sindicais e de escritores. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, nº1, p.200).

Condições mínimas de liberdade que não existiam mais nos países citados. A tentativa de silenciamento dos intelectuais tinha o objetivo de frear a educação das massas e evitar o acirramento da luta de classe. Ler, escrever, divulgar eram atos

subversivos para o Estado nacional que queimou livros em praças pública em 1937⁶ e que continuava cerceando a imprensa e seus escritores em 1948, mesmo no regime democrático. A resistência ao cerceamento das ideias causou a prisão do militante Aydano Couto Ferraz, no Rio de Janeiro em 1948, por defender a democracia, a paz e a liberdade *por um suposto crime de opinião*. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto p. 199).

Podem os hipócritas afirmar que todos esses casos são de ordem apenas política e que nada afetam a liberdade de criação intelectual. Qualquer pessoa, porém, medianamente informada, sabe que não se trata de meras coincidências, de casos políticos em que foram envolvidas personalidades intelectuais. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, nº 1 P. 198).

Devido o perigo das prisões que a defesa dos intelectuais deveria ser coletiva, preservando também a liberdade de atuação da imprensa enquanto partido informal do PCB:

(...) a todos outros de diferentes filiações partidárias ou sem nenhuma filiação partidária” p. 199. Tal situação atingiria os intelectuais criadores, e os demais “Esses intelectuais poderão talvez ficar, amanhã, com sua concepção filosófica “pura”, mas terão de abdicar da sua obra criadora. Mais uma vez estará o campo disponível apenas para os incapazes de criar, para os hipocritamente neutros ou marginais, como se chamam alguns, enfim, para os eunucos da torre de marfim. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, p.199).

Protestos individuais contra os ataques a Aydano do Couto Ferraz e outros intelectuais não reverteriam a situação, apenas protestos realizados coletivamente (...) *protestos contra os casos individuais podem ter valor, mas serão pouco ou mais do que uma formalidade se não forem ligados a uma oposição ativa contra aquelas condições, que dão origem a esses casos por enquanto aparentemente individuais*. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, p. 199). Qualquer resistência contra a forças hegemônicas só seria vitoriosa coletivamente, de outra forma perderia qualquer sentido. Neste ponto, a ação coletiva organizada impediria o autoritarismo do capitalismo contra o pensamento livre.

Na vanguarda...

⁶ Foram queimados livros de Jorge Amado e José Lins do Rego próximo ao elevador Lacerda, em Salvador -BA, em 1937. “Incinerados vários livros considerados propagandistas do credo vermelho.” Jornal Estado da Bahia, 17/12/1937.

Ressaltamos, entretanto que não existe maior honra para um intelectual do que estar na vanguarda sobretudo quando aumentam as dificuldades e os perigos. (FUNDAMENTOS, n 3, v.2, agosto 1948, p. 198). O que evidenciamos a partir do texto de Gorender é que era uma honra estar na dianteira da luta social a partir das letras propagadas. Expandir as ideias do partido, informar, conscientizar, agitar a população contra as mazelas sociais era a missão dos intelectuais. O intelectual deveria ser revolucionário, não o contrário.

FONTE

Fundamentos: revista de cultura moderna. n° 3, vol. 2 (1948)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: os Deops e as minorias silenciadas.* São Paulo: Estação Liberdade. Arquivo do Estado/SEC, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura.* 4° Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Cadernos do Cárcere. Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo.* 5° edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Odeio os indiferentes: escritos de 1917.* São Paulo, Boitempo, 2020.

HOBBSAWM, Eric. *Revolucionários.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

LENIN, V. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento.* São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53).* Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SANTOS, Eduardo Oliveira dos, 1983- *Intelectuais comunistas e a Revista Fundamentos: afirmação e atenuações das diretrizes partidárias (1948-1955).* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, 2016